

AS RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE A EDUCAÇÃO E O ESPORTE EM LAVRAS, MINAS GERAIS (1893-1915)

Recebido em: 15/05/2019

Aceito em: 20/01/2020

*Bruno Adriano Rodrigues da Silva*¹
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: O artigo analisou as relações entre Esporte e a Educação na cidade de Lavras, região sul de Minas Gerais, entre os anos de 1893 e 1915, a partir da ação social de três instituições, duas escolares, o Instituto Evangélico de Lavras e o Grupo Escolar, e uma esportiva, o Lavras Sport Club. Foram examinadas fontes primárias relativas a essas três instituições e jornais do período. Concluímos que foram as instituições educacionais as viabilizadoras do desenvolvimento do Lavras Sport Club e, por conseguinte, do próprio esporte em Lavras.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes. Educação. História.

THE HISTORICAL RELATIONS BETWEEN EDUCATION AND SPORT IN LAVRAS, MINAS GERAIS (1893-1915)

ABSTRACT: The article analyzed the relationship between Sport and Education in the city of Lavras, southern region of Minas Gerais, between the years 1893 and 1915, based on the social action of three institutions, two education, the Evangelical Institute of Lavras and the School Group, and a sports club, the Lavras Sport Club. Primary sources of these three institutions and newspapers of the period were examined. We conclude that it was the educational institutions that enabled the development of Lavras Sport Club and, consequently, of the sport itself in Lavras.

KEYWORDS: Sports. Education. History.

Introdução

O artigo analisou as relações entre Esporte e a Educação na cidade de Lavras, região sul de Minas Gerais, entre os anos de 1893 e 1915, com maior intensidade, em virtude das fontes, durante os anos de 1913, 1914 e 1915. O período corresponde à ação

¹ Doutor em Educação (UFRJ). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

social (WEBER, 1987) desempenhada pelo: Instituto Evangélico de Lavras, fundado em 1893 por presbiterianos de origem norte-americana; Grupo Escolar, fundado em 1907 por ocasião da Reforma do Ensino Primário realizada em Minas Gerais um ano antes; e pelo *Lavras Sport Club*, fundado em 1913, associação civil dedicada à prática esportiva.

Tal pesquisa preenche uma lacuna na historiografia da Educação produzida sobre essa cidade mineira (SILVA, 2017; PEREIRA, 2005, 2014; ROSSI, 2010; MEIRA, 2013), pois ela trata o desenvolvimento do Esporte e da Educação como um sistema de relações que historicamente foi se constituindo e conformando aquilo que Bourdieu (1983) denominou como Campo: uma reunião de microcosmos sociais, incluem-se aí as trajetórias individuais ou o *Habitus* (1983b), que possuem relativa autonomia, por efeito, um funcionamento próprio, mas que guardam relações entre si e com outros campos.

Ademais, do ponto de vista da historiografia do esporte, o investimento em pesquisas tem sido realizado em grandes centros urbanos que, a partir do final do século XIX, vivenciaram processos de modernização das cidades que incluíam o desenvolvimento da prática (MELO, 2010). Logicamente que tal modelo explicativo possui sua validade, contudo, é possível acrescentarmos elementos a ele entabulando outros caminhos para a percepção desse desenvolvimento a partir de cidades do interior, tal como Lavras, que mesmo apresentado níveis diferentes de transformações sociais, também experimentaram o contato com o desenvolvimento do Esporte (DIAS, 2013).

Nesse caso, teriam sido o Instituto Evangélico de Lavras e o Grupo Escolar, na cidade de Lavras, partes de um processo ainda incipiente de transformações sociais, os moveis responsáveis por conduzir uma instituição esportiva tal como o *Lavras Sport Club*? Para responder essa problemática utilizamos como material empírico: jornais do

período que circulavam na cidade, uma entrevista concedida por um dos fundadores do *Lavras Sport Club* em 1972, Getúlio de Oliveira, além do livro de atas dessa associação civil esportiva. Esse material foi todo coletado no acervo do Museu Bi Moreira, órgão vinculado a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

O Desenvolvimento de Lavras na Transição dos Séculos XIX e XX: Atraso e Progresso

Aninhada entre as montanhas da serra da Mantiqueira no sul do estado de Minas Gerais, Lavras apresentava um quadro econômico, na transição do XIX para o XX, baseado na agropecuária (cana de açúcar, fumo, algodão, cereais, do café e do gado leiteiro) (VILELA, 2007). Conta nesse quadro a influência dos seguidos anos de um modelo econômico baseado na atividade de mineração, desenvolvido durante parte do século XVIII e XIX, pois a cidade, naquele contexto, integrava a base geográfica da economia mineira no Brasil e apresentava uma relação quase que servil entre os Paulistas (bandeirantes), aqueles que lavravam as terras, e os moradores daquela província (FURTADO, 2007; COSTA, 1911).

Esse modelo, em função da sua natureza migratória, de uma lavra para outra em um tempo relativamente curto e de grande lucratividade revertida em mais atividade mineradora, desencadeava dificuldades de desenvolvimento equânime da economia nessas regiões, caso de Lavras, pois concentrava os ganhos com a extração do metal de aluvião encontrado no fundo dos rios em um grupo social diminuto. Além disso, as restrições portuguesas ao desenvolvimento manufatureiro da colônia até a chegada da família real em 1808 e as dificuldades geográficas que impunham limites à importação

de alimentos, entre outros produtos, também impunham dificuldades de desenvolvimento para aquela cidade (FURTADO, 2007).

A própria infraestrutura urbana apresentava limites em seu desenvolvimento, conforme atestam os jornais, à época, no final do XIX, e os relatos mais recentes contidos nos livros de memória:

Tende diversos orgams da imprensa noticiado que é péssimo o estado sanitário desta cidade, declaramos que apesar da influenza que reinou nos meses de novembro e dezembro do anno próximo findo o nosso estado sanitário é satisfactorio (SAÚDE PÚBLICA, 1899, p. 01).

Logo que este Conselho entrou em exercício teve de mandar concertar a estrada que segue para a estação desta cidade estragada pelo transito de muitos carros e pela chuva copiosa, assim também a estrada do charquinho, a rua 15 de novembro, a travessa da liberdade, as ruas do conego, de Santo Antonio e direita. Os serviços de pedra que se fizeram foram um cordão na rua 15 de novembro em frente ao portão da casa do sr. José Claudino da Costa, uma calçada na rua direita defrente da casa do sr. Eduardo Freitas e um cordão na rua do fogo. Além disso concertou-se a calçada da rua direita em frente ás casas dos srs. Ignacio Cruz e João Alves de Azevedo; contruíram-se passeios de cimento na rua 15 de novembro; fez-se o prolongamento da sarjeta existente no fim da mesma rua e reparou-se o cordão de pedra fronteiro á nova cadeia, na rua da intendência (...) As despesas com socorros aos pobres excederam as verbas votadas pelo que abriu-se um credito suplementar (...) Muito ha que fazer-se para melhorar as ruas da cidades (...) (CONSELHO DISTRICTAL, 1896, p.02).

Lavras era uma cidade antiga, cenário de mineração em busca de ouro que se tornara comarca em 1870, mas tinha praticamente uma rua que se estendia das imediações da chácara do Dr. Jorge até o Cruzeiro (cerca de 4 quilômetros). As ruas eram lamacentas ou poeirentas. As casas eram simples embora houvesse, na Praça da Matriz (atual Praça Dr. Augusto Silva) poucos sobrados da elite, alguns com calçadas feitas de cimento que era importado em barricas (BEZERRA, 2016, p. 31).

O trem, meio de transporte que poderia solucionar em alguma medida essa problemática por permitir uma maior circulação de pessoas e mercadorias, chegou em Lavras em 1888, integrando a cidade ao sistema ferroviário da Estrada Oeste de Minas (criado em 1880) com a inauguração de uma estação em Ribeiro Vermelho (localidade

pertencente a Lavras, à época) e sete anos depois, em 1895, na região central da cidade (VILELA, 2007). A estrada, a partir de então, ligava Lavras às principais regiões do centro-oeste e sudeste brasileiro. Um jornal local assim noticiava e prospectava esse segundo instante:

Com verdadeira satisfação damos a importante noticia de que acha aberto ao trafego o trecho da linha entre as estações dessa cidade e do Ribeirão Vermelho. Congratulamo-nos com os lavrenses por esse facto, porque essa era actualmente a aspiração de todos nós, que desejamos o progresso de Lavras. Os trens funcionan para esta cidade ás segundas, quartas e sextas-feiras. Aos domingos ha trens de recreio (OESTE DE MINAS, 1895, p. 01).

Tal fato, assim acreditamos, acabou por viabilizar nos anos seguintes o desenvolvimento de alguma infraestrutura urbana na cidade: “Na rua da Direita estão situados o Grupo Escolar, a Casa de Misericórdia e a nova igreja matriz; na rua de Sant’Anna se encontram o Fórum e o Theatro Municipal”. Junto a essas ruas principiou ainda no XIX uma praça, denominada como “Barão de Lavras”, ajardinada, arborizada e pavimentada (COSTA, 1911, p. 143).

Os primeiros esforços de iluminação pública, iniciados ainda no século XIX, ocorreram na rua Sant’Anna quando lampiões preenchidos por lâmpadas belgas que funcionavam a base de querosene foram instalados. Somente, entretanto, em 1909 que a iluminação elétrica pública foi inaugurada na região central. No mesmo período, o bonde elétrico também foi inaugurado, mais precisamente em 1911, quando uma estação foi construída na praça central fazendo a ligação com a estação da Oeste de Minas (COSTA, 1911).

No campo da política, a ascendência da primeira república desencadeou uma estrutura de debate similar à constituída nos grandes centros, tal como a capital do país, naquele momento o Rio de Janeiro, pautada na “interação e litígio, de duas identidades

políticas relacionais: monarquistas-aristocratas e republicanos-ascendentes”. Com algumas variações, notadamente em função do microcosmo lavrense, esses dois grupos rivalizavam sobre os rumos da cidade (OS MONARCHISTAS, 1895; FESTEJOS REPUBLICANOS, 1985): enquanto os republicanos partiam da “equação Império = decadência” edificando as características da república sob os escombros da velha ordem; os monarquistas “resgatavam a tradição imperial” como o ápice da civilização e a República, sua ruína (ALONSO, 2009, p. 133).

Isso pode ser depreendido de um periódico local ao noticiar ações pecuniárias daquela municipalidade:

Querendo lançar-nos ao rediculo, arma de que serve *O Republicano*, a mingoa de argumentos, como sempre acontece, para combater os actos do governo municipal, diz o ilustrado colega, em uma local, que “A folha official do governo municipal aplaude o acto de se pedir dinheiro a 8% e dal-o a 3 e 4% aos bancos” (...) Com tudo diremos, não a *O Republicano* que é cego de peor espécie, mas ás pessoas que ainda não estão bem scientes da alludida transacção, que o dinheiro foi collocado, não para o município auferir 4%, pagando 8%, mas para facilitar operação na aquisição de materiaes para a canalisação da água potável. Mas o collega que diz agir com o fim de engrandecer o município procura rehabilitar-se perante o povo e para o conseguir deve mesmo usar de todos os meios, ainda os mais deleaes (EMPRESTIMO MUNICIPAL, 1899, p. 01).

Na imprensa, os jornais locais ao melhor estruturarem as suas tipografias e abandonarem em parte suas posturas militantes, no sentido de uma grande imprensa (SODRÉ, 1999), também noticiavam práticas culturais até então pouco corriqueiras nos seus expedientes, como o teatro (THEATRO E ANNA, 1888, p. 01), a literatura (NOTAS LITTERÁRIAS, 1895, p. 02), a música (O CONCERTO, 1895, p. 02), espetáculos equestres (COMPANHIA EQUESTRE, 1895, p. 02), circos de touros (CIRCO DE TOUROS, 1898, p. 02) e touradas (TOURADAS, 1901, p. 02) bailes (BAILE, 1896, p. 02) e corridas a pé (FRONTON LAVRENSE, 1899, p. 02).

No campo da educação um conjunto de escolas estimulava o cotidiano da cidade, tais como o Externato Municipal (EXTERNATO MUNICIPAL, 1898, p. 04), o Colégio Lavrense (COLÉGIO LAVRENSE, 1898, p. 03), a Escola Nocturna (ESCOLA NOCTURNA, 1898, p. 02) o Colégio Nossa Senhora de Lourdes (LAVRAS CAMINHA, 1899, p. 01), o Grupo Escolar (GRUPO ESCOLAR, 1907, p. 01) e o Instituto Evangélico de Lavras (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1898 p. 03). Nos interessa nessa análise essas duas últimas instituições, mas por quê?

Criado por presbiterianos norte-americanos com significativa ascendência no desenvolvimento da cidade ao ali instalar sua missão religiosa em 1892, advindos da cidade de Campinas, primeiro lugar da missão no Brasil, justamente pela estrada de ferro Oeste de Minas, o Instituto Evangélico de Lavras seguia a “predestinação calvinista” de organizar socialmente o meio onde as missões eram instaladas. Fundar uma escola era parte da missão, outra, por conseguinte, fundar uma Igreja que se distinguisse pela orientação de seus fiéis acerca das virtudes do trabalho e da renúncia de uma vida de prazeres (SILVA, 2017; WEBER, 2004).

Os primeiros anos de atividades educacionais do instituto, em que pese sua atuação com a “(...) instrução gratuita com o intuito de fazer progredir as atividades educacionais da missão”, foram voltados para a formação educacional no internato feminino e externato para o público masculino e feminino com base em estudos que abrangiam as “(...) Primeiras Letras, Calligraphia, Desenho Industrial, Musica, História Patria e Universal, Mathematica, Sciencias Physicas e Methaphysicas, Portuguez, Francez, Inglês e Latim (...)” divididos em três cursos “(...) o primário, de quatro anos, o secundário, de dois anos, e o superior, de dois anos (...)” (SILVA, 2017, p. 64).

Com o desenvolvimento da instituição o internato masculino foi aberto e iniciou suas atividades em 1904: “na ‘escola de rapazes’, foi desenvolvido um curso de ‘ciências agrícolas’ com o intuito de introduzir novas técnicas nessa área de produção” (SILVA, 2017, p. 64). E foi justamente desta escola que figurava no interior do Instituto que adveio o *Sport*, num primeiro momento vivenciado por meio do *foot-ball*:

(...) em exíguo “*ground*” ainda em formação do “Ginásio de Lavras” de então (...). Aquele simulacro de “*foot-ball*” era praticado numa pequena terraplanagem junto à área onde depois de levantou o edifício principal do “Ginásio” – o primeiro de dois andares construído em Lavras – e pouco mais tarde passou a sê-lo na esplanada do atual estádio, ainda de pequenas dimensões, eis que apenas iniciada. Ali eu vi – porque sempre presente onde houvesse uma bola rolando... – uma terrível “tourada”, da qual saíam “perfeitamente” massacrados o Dr. Shaw, o Dr. Knight e outros abnegados *cracks*, em inomináveis “sarrafadas” e “*sandwichs*” aplicados intencional e irreverentemente pelo Aurino, pelo Gastão Mury, pelo Zé Gonçalves (este, um gigante) e outros alunos do “Ginásio” àquele tempo distante. Bem, as regras do então chamado “violento esporte bretão”, ainda fresquinhas chegadas de sua origem, não condenavam esses barbaridades como “*foul*”... e era preciso *demonstrar a pujança* da “fibra nacional”... (OLIVEIRA, [s.n], p. 06)

Parte das atividades educacionais desenvolvidas no Instituto Evangélico, o *Sport* muito se adequava aos princípios dos missionários, tanto é que, já em 1909, existiam “(...) terreiros próprios para o *foot-ball*, *basket-ball* e *law-tennis*” (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909a, p. 07) visando o desenvolvimento de “estratégias didáticas baseadas na pedagogia moderna” que valorizavam a higiene e o trabalho como meio ascético de aproximação com a religião (SILVA, 2017, p. 66).

Era o pensador suíço, cristão, protestante, Johann Heinrich Pestalozzi que viveu a transição do século XVIII e XIX, quem fundamentava essa pedagogia (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1924). De acordo com ele:

Um homem não deve somente saber o que é verdade, ele deve ser capaz de fazer e desejar sempre o certo. O cultivo do intelecto não irá enobrecer o homem, se não for fundado no cultivo do coração. A grande lição verdadeira da felicidade na vida é esta, o homem deve

fazer o correto para sua própria satisfação, não para agradar aos outros. Um bom homem vê todo incidente em sua vida como uma mensagem de Deus para que ele se aperfeiçoe. Um homem pode infinitamente mais se está verdadeiramente disposto. Eu sou feito das forças físicas, sociais e morais. A primeira advém de minha Natureza animal; a segunda de minha associação com meus iguais; mas a terceira vem somente de meu interior quando empenhado na virtude (PESTALOZZI apud ARCE, 2002, p. 92).

Já o Grupo Escolar, fundado em 1907 em Lavras como parte da Reforma do Ensino Primário realizada em Minas Gerais (1906) que introduzia uma nova cultura escolar, irradiada da moderna, planejada e recém-fundada (no final do dezenove) capital do estado, Belo Horizonte, procurava afirmar e legitimar uma pedagogia moderna e científica centrada em uma educação moral, intelectual e física. O responsável por tal tarefa, como diretor do Grupo, foi Firmino Costa, então professor de “Portuguez e Litteratura” do Instituto (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909b, p. 04).

Nessa cultura escolar não haveria lugar para o saber produzido pelas populações pobres, desqualificado para dar lugar ao conhecimento consagrado como necessário à educação racional dos habitantes da cidade moderna, de um Estado e de uma Nação que aspiravam ao progresso. Esse conhecimento deveria se materializar no programa prescrito legalmente para o ensino primário, que incluía as disciplinas de “Leitura, Escripita, Lingua Patria, Arithmetica, Geographia, História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, Geometria e Desenho, História Natural, Physica e Hygiene, Trabalhos Manuaes e Exercicios Physicos” (VAGO, 2000, p. 124).

No desenvolvimento dessas disciplinas propriamente, em que pese o fato da reforma não especificar o desenvolvimento de atividades de ensino derivadas do *Sport* - pois ela apenas fazia referência aos métodos ginásticos calistênicos e suecos, além de exercícios militares (VAGO, 2000) -, encontramos evidências da utilização de tal prática com uma finalidade:

Alem dos brinquedos conhecidos pelos alumnos, será bom ensinar-lhes, durante o recreio, outors exercicios hygienicos. Mui acertadamente recommenda o programa os movimentos de flexão e extensão, os quaes poderão depois ser feitos com halteres leves. Entre os brinquedos não vulgarizados entre nós, poder-se-iam adoptar o

foot-ball para os meninos maiores, o lawn-tennis e outros mais (FREQUENCIA ESCOLAR, 1907, p. 01).

Da escola deve o menino sair não só desenvolvido nas suas faculdades de intelligencia, como também com preceitos práticos de hygiene, capaz de conservar e melhorar a saúde, tornando-se com vigor physico útil á Patria no trabalho que a engrandece (HYGIENE DOS OLHOS (1907, p. 01).

Seria o *Sport*, dessa forma, constituinte desses “preceitos práticos” que atendiam outra disciplina, a “Hygiene”, mesmo isso não constando nas diretrizes da reforma? Ao que tudo indica sim, pois existiam interfaces pedagógicas entre a proposta do Grupo Escolar e aquilo que ocorria no âmbito do Instituto Evangélico de Lavras. Firmino Costa, inclusive, era referenciado como o “Pestalozzi brasileiro” (GRUPO ESCOLAR, 1915, p.01) e junto ao instituto, por lá ser professor, provavelmente, vivenciou experiências que envolviam o *Sport*.

Tal prática, inclusive, aos poucos, ganhava espaço em Lavras e nas páginas dos jornais locais sendo noticiada como parte importante do seu cotidiano, algo que extrapolava, inclusive, os limites das instituições escolares supracitadas, principalmente porque a capilaridade delas na sociedade lavrense estabelecia uma lógica de sociabilidade educacional: eventos festivos que envolviam partidas de futebol (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909c) e exercícios ginásticos (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1913), espetáculos musicais (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1902) e refeições de grau (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909c) do Instituto Evangélico, assim como festas escolares realizadas pelo Grupo Escolar (FESTA ESCOLAR, 1907).

Essa conexão entre as instituições escolares e a cidade no desenvolvimento de suas práticas estabelecia um terreno fértil para o desenvolvimento daquela nova cultura escolar, cujo *Sport* fazia parte. Havia, naquele contexto de transição entre o XIX e o XX, uma relação entre o Esporte e a Educação constituída, assim acreditamos, no

Instituto Evangélico e transmitida pelo Grupo Escolar, figurando ora como referência simbólica, educacional, ora como componente de um conjunto de práticas inovadoras, tal como o *Sport*.

Nesse sentido, como tal relação fora vivenciada a partir do momento em que uma instituição puramente esportiva foi fundada?

Lavras Sport Club (1913-1915): Relações Entre a Educação e o Sport

É em um contexto de desenvolvimento social na cidade de Lavras, como mostramos na seção anterior, que ocorre a fundação do *Lavras Sport Club*. Segundo a memória de Getúlio de Oliveira “(...) foi nos idos de 1912, bem ali em frente ao velho e modesto Teatro Municipal (...)” que “(...) dois rapazes no calor onírico dos 17, 18 anos (...)” cogitaram criar um clube de *foot-ball* (OLIVEIRA, 1972, [s.p.]). Algo que somente foi consumado no ano seguinte em 03 de agosto de 1913 (LAVRAS SPORT..., 1915, p. 1). Isso não significa, porém, que tal prática já não fosse desenvolvida, pois informações sobre ela já circulavam na cidade meses antes da fundação do *Club*:

Aqui, em Lavras, até há pouco, não tinha ele a menor aceitação. Era considerado bárbaro, estúpido e retrógrado, por todos ou quase todos. É necessário vencer esta parte hostil de nosso povo, demonstrando-lhe que o *foot-ball* não é, como ele julga, um esporte grosseiro e brutal, mas sim uma organização perfeita e admirável para o desenvolvimento do corpo, e, longe do que ele imagina, ao contrário, um excelente meio para a conservação da saúde. É mister que tenhamos a máxima força de vontade, que empreguemos os maiores esforços no sentido de provar a esses que nos fazem guerra, ser o *foot-ball* não só simples diversão, mero jogo recreativo, mas também e principalmente, um método educativo de primeira ordem, dando-nos exemplo digno de nota. O sportsman vê-se ali sob um regime de dirigir e ser dirigido; aprender a ter disciplina porque obedece ao seu “capitain”, tendo em vista que depende (...) a probabilidade no êxito na observância às ordens do superior. Ele pode ali ver as vantagens da cooperação e o erro de querer fazer tudo por si, sem auxílio alheio (O FOOT-BALL, 1913, p. 01).

As vantagens em praticar o *Sport*, em que pese à existência de preconceitos ao seu respeito, eram ressaltadas a partir dos seus efeitos biológicos e pedagógicos: saúde e método educativo. Vale lembrar que, naquele contexto, a prática do *Sport*, já era desenvolvida por duas instituições escolares da cidade, como mostramos, e possuía interfaces com princípios caros à Higiene. Os próprios fundadores do *Lavras Sport Club*, oriundos dessas duas instituições escolares, traziam consigo tais preceitos: “Getúlio, Solon, Juca Procópio, Renault, Marreta, Ezelino, Jonas Soeiro e Selvati lideraram o movimento” (OLIVEIRA, 1972, [s.p.]).

Quanto a esse momento, não encontramos evidências nos jornais locais, nem em documentos e não sabemos ao certo por que as atividades do *Club* só começaram a ser noticiadas a partir de julho de 1914. O que podemos inferir, de acordo com as memórias, diz respeito à associação de duas variáveis: as resistências à prática existentes na sociedade lavrense, assim como a ausência de um espaço adequado para a realização das partidas:

A animação fogo-de-palha, no caso especial do esporte, tinha, contra si, um tropeço que era um caso sério: o preconceito dos velhos. De fato. Os pais não queriam deixar que os filhos fossem ao campo dos esportes. Nada de futebol, meu filho! Jogo bruto, quebra a perna, estraga os sapatos. É muito bom para os ingleses, esse jogo de dar coice na bola. Para brasileiro, não; brinca de pega-pega e de pique, por nacionalismo... (LAVRAS SPORT..., 1928, p. 01)

O problema primordial, como óbvio: um campo ou “ground” (assim em inglês tinha mais sabor...) para o início dos treinos. O único local adequado, sem mais delongas, era a “esplanada das oficinas”, onde já se encontrava, enferrujando, a grande maquinaria importada, em imensos caixões e engradados – como uma manada de paquidermes retangulares “puxando o ronco”... O Moacir era meu amigo e seu pai – o respeitável varão Dr. Virgílio Bastos – era o “Engenheiro Residente” da velha “Oeste de Minas”. Procurei o pai por intermédio do filho – ou o tronco por via do galho... – e só encontrei compreensão e boa vontade, tanto que o próprio Moacir (onde estará?...), que então cursava engenharia, ofereceu-se espontaneamente para ajudar-me na demarcação do campo (OLIVEIRA, 1972, [s.p.]).

Pois bem, a primeira publicação sobre as ações do *Lavras Sport Club* noticiava as comemorações de seu primeiro aniversário, realizadas “a golpe de esforços de seus dignos sócios”, “cheia de louros e de animo para os anaes do football lavrense que é muito futuroso”. Destacava também essa notícia que a diretoria do *Club* destinava “bonds especiaes” aos espectadores dessas atividades que, naquele momento, integravam dois *teams* dedicados ao *foot-ball* do Instituto Evangélico (FOOT-BALL, 1914a, p. 01), formando assim uma primeira reunião entre *teams* na cidade de Lavras: *Lavras Sport Club, Hymalaia e Agrícola*.

Além das comemorações, uma sessão “dessa symphática associação de football”, também foi noticiada em 1914, informando sobre a renovação da sua diretoria que ficou assim eleita: “Solon de Barros (presidente reeleito), Renault Pádua (secretário reeleito), Jacinto Souza (2 secretário), José Alvarenga (tesoureiro reeleito), Jonas Soeiro (director dos sports) (LAVRAS SPORT..., 1914a, p. 02). Nela, o então presidente “(...) falou brilhantemente sobre o *Sport* em palavras animadoras e criteriosas, eloquentes, e agradeceu pela directoria a confiança que os sócios lhes haviam depositado” (LAVRAS SPORT..., 1914b, p. 01).

Essa composição da diretoria do *club* agregava indivíduos que, além de *players*, desempenhavam funções específicas em sua estrutura, todavia, sobre o presidente:

Foi quando certo dia – um domingo com certeza, quando a “Esplanada das Oficinas” vivia sempre intensamente da alvorada ao meio-dia – foi notada a presença de um assistente desconhecido... Alto, elegante, linho branco, chapéu de palha, “pince-nez”. Figura simpática, insinuante, logo procurou contato e conversa: que jogava “foot-ball”, que pretendia ingressar em nossas fileiras, etc., etc... E o “Lavras” ganhou neste dia um extraordinário elemento de proa; nós, um amigo incomparável; e o ambiente social de nossa terra, uma figura inconfundível de “gentleman”. Era o pernambucano Sólon de Barros que acabava de aportar em nossos pagos para cursar a “Escola Agrícola” – a “menina dos olhos” do grande Benjamin Hunnicutt. O nordestino alegre, extrovertido, leal e sincero – como depois o vimos

em longa e diletta convivência – matriculou-se em externato, montando seu “château” naquele quarto isolado com acesso pela rua D.a Inácia, no velho e tradicional Hotel Moreira. E ali na “perfeita” desordem daquele “ninho de rato” muitas “conspirações” se tramaram pela sequência de êxitos de nosso “Lavras Sport Club” (OLIVEIRA, 1972, [s.p.]).

Aluno do Instituto Evangélico e com forte ascendência no *foot-ball* em Lavras. Por quê? Não sabemos ao certo os motivos, para além de ser um *player*, que fizeram de Solon o presidente dessa primeira associação civil dedicada à prática do *Sports*, mas conjecturamos que a sua relação com Instituto contribuiu sobremaneira para que ele ocupasse essa função social, até mesmo porque era nessa escola presbiteriana que a prática era desenvolvida de forma habitual por seus alunos (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909d, p. 05). Nesse caso, os *teams* do instituto eram as únicas associações com alguma semelhança ao *Lavras Sport Club* na cidade até aquele momento que poderiam constituir um primeiro esforço de desenvolvimento do *Sport*.

E assim o foi, conforme notícia veiculada em periódico local:

Reuniu-se hontem a convite do “Lavras Sport Club” na residência do sr. Caetano Scorza, as d rectorias desta associaçãp sportiva, do “Agricola e do “Hymalaia”, a fim de tratar dos festejos sportivos que se realizarão no dia 12 de outubro próximo. A sessão, á que compareceu o representante do “Cine” foi presidida pelo sr. Solon de Barros Corrêa, presidente do “Lavras”. Foram nomeadas comissões encarregadas de organizar os festejos que constarão do anunciado “macth” entre mineiros e forasteiros e também foram nomeados dois sportmen para constituir os teams (...) (FOOT-BALL, 1914b, p. 03).

Decerto a realização de eventos esportivos como forma de celebração de datas importantes já era uma prática existente nas instituições educacionais, evidenciamos isso na primeira seção, e ao que parece, tal dinâmica foi desenvolvida também no âmbito do *Sport*, uma vez que o convite para a realização deste evento partiu da diretoria do *Lavras*, presidida por Solon de Barros, também aluno daquela instituição.

A directoria do “Lavras Sport Club” enviou-nos um convite em officio para que nos representemos hoje em uma reunião das directorias dos tres mais importantes clubs de foot-ball desta cidade. Segundo ouvimos dizer assumptos de grande importância para o desenvolvimento, assumptos que por emquanto convem que fiquem sob sigilo, mas, que serão agradável surpresa (FOOT-BALL, 1914c, p. 01).

Concomitante a tal ação no plano de relações com outras associações, foram desenvolvidas pelo *Lavras* atividades internas destinadas ao público infantil envolvendo o *foot-ball* que ocorriam em seu *ground*: “Vassourinha x Caraboo”, “Fantomas e Rocambole”, partida “amistosa entre sócios do *Lavras*” e “partida violenta, porém leal e digna conforme os princípios do ‘Lavras’”, respectivamente (O NOSSO SPORT, 1914, p. 01).

O que revelam as fontes sobre tais princípios? Teriam eles finalidades pedagógicas? Tais respostas não tardariam a ser sistematizadas e veiculadas nos jornais locais, como veremos, todavia, outras atividades que indicavam o desenvolvimento do *Sport* na cidade de Lavras também ocupavam espaço na imprensa local, só que tratando de um primeiro movimento de interlocução daquele *Club* com associações de outras cidades, caso do *Athletic Club* de São João Del-rey.

Tal agremiação, fundada em 1909, por suposto, era reconhecida na cidade de Lavras por sua finalidade esportiva e por desempenhar uma função social na cidade de São João Del-rey em consonância com uma “(...) efervescente vida metropolitana e um grande mercado consumidor acessível aos sanjoanenses pelos trilhos da estrada de ferro Oeste de Minas” (COUTO; SILVA, 2014, p. 02) que ligava aquela cidade ao Rio de Janeiro. A novidade foi informada na imprensa lavrense, pois o *club* “officiou” ao *Athletic* sobre a realização de uma partida em seu *ground*. Tal convite, conforme indicam as fontes, foi aceito via “officio delicado e cheio de modestias” que o *Lavras*

recebeu do *Athletic*. Desta feita ficou resolvido que o “tão fallado e desejado encontro das duas bem organizadas equipes” ocorreria “no próximo domingo”. Para tal, o *Lavras* abriu uma lista de doações visando realização do evento esportivo que traria “alegria a esta localidade”, uma vez que o *club* despenderia “de não pequena quantia” (LAVRAS VERSUS..., 1914a, p. 02).

Sobre tal “subscrição popular que foi aberta para arrecadação de fundos” o *Lavras* seguia argumentando pelos jornais locais de forma pedagógica:

(...) que o bellissimo jogo de foot-baal vem, dia a dia, conquistando admiravelmente as sympathias populares, quer pelo seu valioso effeito physico e moral, quer pela grande anciedade e interesse que implantam aos assistentes as innumeradas e variadas peripecias do jogo (LAVRAS VERSUS..., 1914b, p. 02).

Tamanha era ação desempenhada na sociedade lavrense por aquela associação civil dedicada ao *foot-ball* que, mais uma vez, “bonds especiaes” foram fretados para o deslocamento do público, assim como a “banda municipal” e a “euterpe operária” foram contratadas para fazer a recepção do *Athletic Club* na estação ferroviária em Lavras e para a realização do evento no *ground* do *club*. Ademais, outra ação pedagógica veiculada em jornal local foi realizada pela Directoria com o intuito de alertar

[...] encarecidamente a todos, respeitarem as linhas de divisão da área do campo e outrossim conservarem a maior dose de prudência durante as ovações que, como sabem, são muito comuns no decorrer do jogo (FOOT-BALL, 1914c, p. 02).

Respectivamente esses acontecimentos foram assim tratados na imprensa local:

Chegaram hoje, pelo trem das 15 horas, acompanhados de grande comitiva os players do Athletic Club que. Conforme noticiamos, veem fazer um grande encontro com os seus collegas do “Lavras Sport Club”. A’ gare da estação compareceram muitos sócios do Lavras e muitas pessoas gradadas da nossa cidade (NOTICIAES, 1914, p. 01).

Com a presença de mais de 800 pêssoas e das brilhantes “Banda Municipal” e “Euterpe Operária” realizou-se ontem no *ground* do *Lavras*, um grandioso *match* de foot-ball, entre os teams deste club e

os de Athletic de São João d'El-rey. O Povo em peso mostrou grande animação e entusiasmo no decorrer do jogo. O primeiro *free-kick* foi dado pelo "Athletic" às 13h da tarde. Os valorosos deste desenvolveram um bello jogo de atletas bem treinados (FOOTBALL, 1914d, p. 02).

Há que se destacar que, em um universo de aproximadamente 23.000 habitantes, população estimada da cidade de Lavras em 1917 (LAEMMERT, 1917), a reunião de "mais de 800 pêssoas" em um espaço público possuía algum impacto, ao ponto, inclusive, de ser considerado pela imprensa local como a "(...) festa sportiva mais animada que se tem assistido em Lavras", pois "(...) a enorme assistência que havia, era incansável em aplaudir com vigor e entusiasmo os 'elevens' dos dois 'teams'" (FOOTBALL, 1914e, p. 02).

A vitória do *Lavras* sobre o *Athletic* pelo placar dois a zero, naquele momento, representava não só o primeiro sucesso esportivo do *Club* lavrense em relação à congêneres de outras cidades, mas, ao que tudo indica, um primeiro momento de compreensão do *Sport* enquanto um espaço de sociabilidade na cidade, um campo relativamente autônomo e em franco desenvolvimento.

Pois bem, o que impulsionava esse processo? Trabalhamos com a ideia de que foram os parâmetros pedagógicos da *Hygiene* forjados no Instituto Evangélico de Lavras, escola dos presbiterianos, e no Grupo Escolar, instituição dirigida por Firmino Costa, os responsáveis pela edificação dessas novas referências e isso é plausível de ser afirmado em função da natureza civilizatória das instituições educacionais:

A grande revolução do século XIX foi exatamente a substituição da pedagogização das relações sociais pela escolarização; mais que tornar gestos e ações previsíveis, foi preciso indicar o caminho da produção da previsibilidade, não mais para um grupo restrito, cuja aprendizagem parecia estar concluída, mas para toda a sociedade (VEIGA, 2002, p. 99).

No Brasil daquele contexto do final do XIX e início do XX, todavia, em razão de um desenvolvimento social onde atraso e progresso conviviam, tal processo precisa ser mitigado, porque ele ocorreu apenas para parte da população:

As elites políticas e intelectuais brasileiras, em geral, ao apropriarem-se do termo civilização, ao longo do século XIX, não o tomaram para se referir a uma nação, mas como forma de produzir a sua auto-imagem. Na tradição intelectual brasileira do século XIX e início do século XX, a representação de um Brasil não se fez com base no conceito de uma nação civilizada que se auto reconhece como tal, mas constituiu-se pela permanente dúvida em relação às condições de possibilidade de tornarem seus habitantes civilizados (VEIGA, 2002, p. 101).

Tal quadro é perfeitamente verificável na realidade lavrense do período, notadamente porque o acesso à escolarização possuía algum nível de seletividade. O preço de ingresso em um curso no Instituto Evangélico, o internato masculino no “Gymnásio”, por exemplo, poderia custar até 1030\$000 (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909a, p. 6), algo que para época representava uma soma elevada; no Grupo Escolar as fontes indicam que ao menos 1/3 dos seus alunos não pertenciam às famílias pobres (GRUPO ESCOLAR, 1911, p. 01), o que revela alguma seletividade no acesso à educação pública. O próprio movimento de pedagogização do *Sport* continha tal distinção, pois a figura do *sportman* com o seu modo de vida típico de um *gentleman*, figura cavalheiresca, masculina, era o *modus operandis* propugnado.

Esse comportamento fica ainda mais evidente no início de 1915 quando o *Lavras* enfrenta novamente o *Athletic Club* de São João Del Rey que, logo após confrontá-lo em seu *ground* no ano anterior, oficiou essa associação esportiva para a realização de outro confronto, só que dessa vez na cidade sanjoanense:

A's 10 horas, embarcava, em carro especial ligado ao trem da carreira a delegação sportiva desta cidade, tendo a gare comparecido grande numero de pessoas e de gentis partidárias, que foram levar aos bravos sportmans as suas despedidas (...). No dia 17, ás 14:30 partiram para o campo de foot-ball, em Mattosinhss. A assistência era numerosa e

pode-se mesmo dizer estar representando a fina-flor de S. João d'El-Rey (...) às 14:40 entravam em campo as duas equipes (...). Tirando o tost coube ao Lavras o kick-off (...) às 16 horas terminava o mach, com a victoria do Athletic pelo score de 1 a 0 (LAVRAS VERSUS..., 1915a, p. 01).

Ao que tudo indica, tais partidas transcorreram normalmente, pois não encontramos nas fontes nenhuma ocorrência de confusões nesses acontecimentos esportivos. Ao contrário, normalmente ocorriam trocas de cordialidades entre esses dois *Clubs*, tais como jantares solenes, manifestações de amizade e solidariedade, reforçando comportamentos típicos de um conjunto de *sportmans*. Ao comentar uma publicação que circulou em São João del-Rei sobre tal *mach*, um jornal de Lavras assim se refere a um suposto desvio de conduta da arbitragem, algo que reflete o clima cavalheiresco e cordial:

Temos a dizer que se o referee não puniu com penalty e sim com bola-fria o hands dado por um dos backs do "Lavras", conforme diz o colega, foi devido ao Sr. Adalberto Marques thesoureiro do "Athletic Club" que nesta ocasião servia como juiz de goal, ter protestado dizendo não ter havido hands por parte de nosso back; ora, claro está, que achando-se o referee retirado uns 50 metros e o juiz de goal apenas uns 10, havia muitíssima razão para que o referee desse credito ao protesto do referido juiz, tanto mais sendo este representando do "Athletic" que estamos certo agia desapaixonada e criteriosamente, dados SOS seus sentimentos de nobreza e de caráter, estando portanto exento de quaesquer suspeitas (LAVRAS VERSUS..., 1915b, p. 02).

Após tal evento realizado no final de janeiro de 1915, cuja conduta ilibada, digna de uma *sportman*, foi destacada, somente pouco mais de um mês depois outra atividade esportiva foi noticiada na imprensa local, isso porque as atividades escolares do Instituto Evangélico de Lavras, lugar de onde vinham, em nível municipal, os adversários do *Lavras*, apenas retornariam no início do mês de março, como mostra a imprensa local: "Reabrem-se amanhã as aulas dos acreditados estabelecimentos Gymnasio de Lavras e Carlota Kemper, filiados ao Instituto Evangélico" (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1915, p. 02).

Antes disso, porém, as fontes revelam uma série de atividades administrativas desenvolvidas pelo *Lavras Sport Club*. Logo após o retorno do *team* da cidade de São João del-Rei, a primeira assembleia geral daquele *club* foi realizada e documentada, onde foi indicada, por escrutínio, a diretoria que conduziria as atividades daquele semestre que iniciaria em fevereiro e terminaria em julho do ano de 1915, assim como as atividades escolares. Por mais um semestre, o *Lavras* seria presidido por Solon de Barros, aluno do Instituto Evangélico (LAVRAS SPORT CLUB, 1915).

Decerto tais atividades organizativas foram noticiadas na imprensa local, inclusive, a posse da diretoria eleita que seguida de um evento festivo causou grande movimentação em parte da cidade:

Desde o meio dia grande número de sócios do “Lavras” e mais pessoas gradas já estavam reunidos em as bellas salas do edificio do Forum, quando ouviu-se ao longe dahi há pouco, vivas e mais vivas ao “Lavras”. Aquelas maviosas vezes partiram de um enorme bando de sympathicas e bellas senhoritas partidárias do club as quaes foram logo recebidas e introduzidas no recinto por uma comissão adréde nomeada para isto (GRANDE FESTA..., 1915, p. 02).

A propósito desta notícia que destacava as “sympathicas e bellas senhoritas partidárias do club”, tornou-se comum ao *Lavras* naquele contexto, conforme evidenciam as fontes, estabelecer uma via de contato com o público feminino da cidade, como forma, assim acreditamos, de viabilizar uma participação mais efetiva, distinta do público masculino, é verdade, mas ainda assim com algum nível de protagonismo. No livro de atas do *club*, inclusive, verificamos isso em uma redação de assembleia realizada para empossar a nova diretoria, onde, mais uma vez o público feminino foi incorporado às atividades assinando a primeira página do documento e sendo convidado ao título de sócias honorárias do *club* (LAVRAS SPORT CLUB, 1915).

Tal diálogo foi intensificado e não temos clareza acerca dos motivos, apenas suspeitamos, que já naquele contexto o *Sport*, entendido enquanto uma prática útil, ligada também ao divertimento, mas com parâmetros educacionais, estava sendo utilizado como forma de mobilizar a identidade clubista de mulheres na cidade de Lavras. Um *sportman* assina o seguinte noticiário de um jornal local:

Certo, agradecer-te-ia mais, meu caro e cizudo leitor que eu viesse a tratar de assumptos mais graves como da política, ou falar da vida allheia do que discorrendo a respeito da cultura physica e outras tolices. Entretanto sei que com a minha distincta leitora já não se da o mesmo; pois no campo de foot Ball, quando há lances dignos de nota é o elemento feminino o mais exaltado nas suas manifestações. É que a mulher ama tudo que é bello porque também é bela, admira e cultiva tudo que é moço por ter um espírito moço (SPORT, 1915a, p. 02).

Ao passo que a participação feminina no *foot-ball* pouco era considerada, por ser essa modalidade tida como violenta, à época, e por isso pouco compatível com o universo da beleza e sensibilidade feminina, novamente o *sportman* do *Lavras* anota àquilo que dizia respeito às mulheres naquela associação esportiva:

O sport em Lavras resume-se a foot-ball para o sexo masculino, canto e música para o feminino. O “flirt” é comum, naturalmente, a ambos os sexos. De vez em quando os nossos Clubs de foot-ball realizam as suas festinhas com os seus “matches” com grande gaudio dos seus adeptos e muito contrário á vontade dos seus detractores. O Sport favorito das meninas lavrenses (a arte não deixa de ser um sport intellectual) será levado hoje no internacional (SPORT, 1915b, p. 02).

Acreditamos que essa estratégia de aproximação tenha sido adotada porque a presença do público feminino desempenhando tarefas específicas era habitual no cotidiano educacional da cidade (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1909b, p. 02). Algo que estava em compasso com aquilo que ocorria em outras cidades do país onde a participação feminina no *Sport* atendia aos interesses do público masculino, ora como espectadoras, ora desempenhando algum papel na produção dos eventos ou praticando *Sports* mais adequados (MELO, 2007).

Ao contrário do que até então ocorria entre os anos de 1913 e 1914, o transcorrer das atividades esportivas no ano de 1915 não guardariam apenas aproximações com o que advinha do universo educacional, mas também tensões nessa relação, principalmente em razão de divergências oriundas dos *matchs* de *foot-ball* realizados entre *Lavras* e o *Hymalaya*. Como não existiam congêneres ao *Lavras* na cercania municipal, o número de partidas entre esses *teams* era relativamente alto no período, três disputas entre o segundo semestre de 1914 e o primeiro de 1915, ao passo que também crescia, ao que tudo indica, a primeira rivalidade entre *teams* de *foot-ball* na cidade. Em depoimento, um dos fundadores do *Lavras Sport Club*, Getúlio de Oliveira, narrou a peleja:

E chegou, então, a fase acidentada de nosso intercâmbio esportivo com o valoroso “Himalaia” com seus elementos exponenciais de verdadeiros “cracks” Aristides, Ofir, Maciel e tantos outros cujos nomes a esponja do tempo apagou. Empenhamo-nos em vários encontros sempre pontilhados de incidentes e dos quais as cores do “Lavras” sempre se altearam vitoriosas, até que, certa feita, ocorrências mais graves decretaram a suspensão das relações entre os dois clubes radicalmente rivalizados: o Ofir e o Ezelino engalfinharam-se em pleno campo, num entrevero mais viril; o Ofir mordeu violentamente o ombro do Ezelino; este “encheu” a cara do outro; a assistência mais afoita invadiu o campo e o “sururu” se formou; o Chico Nóbrega fez presente seus pagos nordestinos com uns “rabos de arraia”, etc. E o jogo acabou... (OLIVEIRA, 1972, [s.p.]).

Tal confusão foi retratada na imprensa local, não com a “riqueza de detalhes” típica de uma reminiscência, metafórica sobre a luta ali travada, mas, de modo mais formal, noticiando reuniões que tentariam solucionar o problema esportivo. Silva (2017) analisou fontes secundárias sobre o imbróglio e afirmou que o então responsável pelo Instituto Evangélico, o rev. Samuel Gammon, interveio no processo como forma de apaziguar o destempero causado pelo esporte bretão naquelas terras. Todavia vejamos o

que revelam as fontes publicadas na imprensa *pari passu* aos acontecimentos, pois elas revelam detalhes importantes sobre essas primeiras tensões.

Antes do ocorrido propriamente dito, porém, é importante destacar que identificamos na imprensa à época elementos que remetem a algum nível de prevenção acerca das atividades fins do *Lavras Sport Club*, o *foot-ball*. Eram comuns, ações pedagógicas, notadamente no âmbito das atitudes de seus sócios, acerca do *Sport*, contudo, uma notícia sobre os espaços organizativos do *Lavras*, suas “assembléas”, destaca o quão estas eram importantes para o destino do clube, pois “pode-se alli discutir, explanar idéas, o que é um beneficio para os socios e para as sociedades”, sendo que o aviso era direcionado aos mais “moços” do *team*, uma vez que eles muitas vezes negligenciavam tais espaços (SPORT, 1915c, p. 02). Não sabemos ao certo o porquê de tal chamada pública, mas suspeitamos com base naquilo que era relatado no Livro de Atas do *Club* que o público envolvido de diferentes formas com os *matches* não era o mesmo que participava dos espaços normativos, em sua maioria, restritos à diretoria.

Outro fato relevante que pode ter interferido nessa dinâmica de relações entre o Esporte e a Educação, foi o comunicado feito pelo então presidente do *Lavras* à assembleia, Solon de Barros, de que retornaria para Pernambuco ao final daquele semestre (LAVRAS SPORT CLUB, 1915, p. 08). Aproximadamente dois anos separariam sua chegada (1913) e sua partida (1915) da cidade de Lavras, tempo suficiente para construir legitimidade esportiva, defendendo as linhas do *Lavras Sport Club*, e formação educacional, a partir da pedagogia desenvolvida no instituto, algo reconhecido, ao ponto dos sócios do *Lavras* organizarem uma “manifestação”:

Hóntem, á noite, os sócios do “Lavras Sport Club”, testemunhando o seu elevado apreço ao sr. Solon de Barros, que como presidente que foi dessa entusiasta sociedade sportiva, á qual prestou relevantes serviços, tornando-a digna de um nome que muito recomenda os sócios de que ella se compõe, foram ao Hotel Moreira, precedidos da banda “Euterpe operária” fazer-lhe uma íntima manifestação. Foi encarregado de levar ao sr. Solon de Barros a prova de reconhecimento do “Lavras” o sr. Renault de Pádua que soube discorrer sobre fim a que se prendia aquella justíssima manifestação, interpretando com rara eloquência o pensamento daqueles que reconhecem em Solon um verdadeiro campeão do foot-ball. Terminou a sua oração fazendo entrega ao sr. Solon de um officio que lhe dá a honra de sócio honorário do Lavras Sport Club. Em seguida, o sr. Jorge Duarte, em nome do sr. Solon de Barros, agradeceu ao “Lavras” aquella significativa manifestação, empregando para isso a lucidez de sua comprovada inteligência, fazendo sentir ao Lavras que Solon em retirando-se para Pernambuco, sua erra natal, leva gravado em seu coração o nome e associação sportiva pela qual empregou os melhores de seus esforços fazendo com que ela viesse conquistar a sympathia de suas gentilíssimas partidárias, e concluiu endereçando um adeus ao “Lavras Sport Club” (MANIFESTAÇÃO, 1915, p. 02).

Para o lugar do ex-presidente da agremiação foi eleito em assembleia, com seis votos, o sr. Getúlio de Oliveira, que recusou imediatamente, naquele momento, o cargo presidencial, sendo este repassado ao segundo colocado, Renault de Pádua, sendo assim nomeado o novo presidente do *Lavras Sport Club* (LAVRAS SPORT CLUB, 1915, p. 08). Ambos, junto com Solon de Barros e outros, engrossaram as fileiras do *Lavras* desde sua fundação em 1913, oriundos de instituições escolares lavrenses, mas coube ao então presidente eleito, Renault de Pádua, dar continuidade as atividades esportivas, entre elas, os *macths* com o *Hymalaia* do Instituto. A Solon restaria participar de seu último *macth* como *player* do *Lavras*.

No dia 21 de abril de 1915, contudo, aquilo que deveria ser apenas um *macth* esportivo, inclusive envolvendo a despedida de Solon, virou uma turba sem precedentes na cidade de Lavras. Um dia antes, parecendo antever os problemas, um jornal local ao noticiar a partida, informando a escalações de ambas as equipes, além do “referee” do jogo, o Sr. Emanuel Deslandes, ainda fez um apelo aos sócios do “*Lavras*” para que ao

se manifestarem não desmintam o renome dos mesmos de povo ordeiro e “civilizado” (SPORT, 1915d, p. 02).

As fontes revelam que os desdobramentos dessa turba modificaram a dinâmica de relações entre os dois *Clubs*, o *Lavras* e o *Hymalaia*, ao ponto de, inclusive, uma reunião entre as duas diretorias ter sido realizada para “(...) esquecer o passado, para caminhar para o futuro sempre em harmonia com os seus colegas” (SPORT, 1915e, p. 02). O próprio Solon de Barros, ainda sócio honorário do *Lavras*, assumiu o protagonismo na solução do problema, conforme revela o livro de atas, junto ao então responsável pelo *team* do Instituto, rev. Samuel Gammon conforme revelou Silva (2017), e ambos, em um gesto típico de *sportmans* conjecturaram a realização de novo *macth* para o dia 03 do mês seguinte, maio de 1915.

Tal evento foi anunciado pelo *sportman* do *Lavras* na imprensa da cidade:

A discórdia que resultou no último “macth” entre as duas associações acima referidas já não tem mais razão de ser, e nem existe mais, depois da queixas, reclamações e explicações que saíram de parte a parte na sessão de segunda-feira (...) Mais uma vez rogamos em nome da Directoria do “Lavras Sport Club”, a máxima moderação e calma no comportamento dos seus sócios, afim de que se possa apagar a péssima impressão deixada com o jogo de 21 (SPORT, 1915f, p. 02).

Esse *macth*, segundo a imprensa local, ocorreu “(...) sem entusiasmo, parecendo que a temperatura fria e carregada de ventos, estivesse na mesma proporção que o entusiasmo dos lutadores” (SPORT, 1915g, p. 02). Conjecturamos que o *sportman* fez essa alusão em relação ao *macth*, justamente como forma de amenizar o acirramento da rivalidade, algo que, por efeito, inaugurou outra fase no desenvolvimento do esporte na cidade, menos vinculado à Educação. Uma evidência disso foi o distanciamento entre esses dois *teams* pioneiros no *foot-ball* lavrense, pois os

matches entre eles não mais ocorreram naquele conturbado ano de 1915, assim como nos anos subsequentes.

Um ponto de inflexão nessa narrativa histórica que relaciona o Esporte e a Educação? Sem dúvida, o retorno de Solon de Barros ao seu estado, noticiada na imprensa local pelo *sportman* do *Lavras*, dias após ao *match* que buscava solucionar entrevero esportivo. Nessa despedida, que transcreveremos na íntegra, fica evidente a sua importância nesse processo:

Foi embora o Solon. Nós que, quando a dois annos esse moço aqui aportou, fomos os primeiros a travar relações com elle podemos affirmar que Solon tinha em cada um conhecido um amigo. Cavaleiro de fino trato, alegre, sempre alegre e amável para com todos, conseguiu em pouco tempo captar a estima e a *sympathia* do povo lavrense, que com sua ida agora perde um districto membro. Em qualquer festa, em qualquer lugar, lá estava o Solon, divertindo a todos com o seu genio especial, com as suas pilherias de nortistas cavaqueador e folgazão. Como *sportman* ele soube aproveitar qualidades de perfeito conhecedor do foot-ball elevando o “Lavras Sport Club” do qual foi presidente durante um anno e tanto, a tal desenvolvimento e prosperidade de ser conhecido fóra daqui. Sem ser lavrense trabalho por essa associação sportiva lavrense, com o mesmo esforço si aqui tivesse nascido. É por isso que Lavras e o “Lavras” sentem a partida do amigo e velho companheiro de luctas sportivas que agora volta ao seu estado natal para junto dos seus. Como amigo e admiradores que somos das suas bellas qualidades, apresentamos-lhe nossas saudações e cumprimento de despedida. Cumprimentos e saudações que lhe fazem o povo lavrense e o “Lavras Sport Club”. A elle que vai com os olhos marejados de lágrima, por ter de se ausentar desta cidade que não é o seu torrão natal, mas que, entretanto o acolheu como lavrense, por ver que ele nasceu nessa mesma terra de Santa Cruz e por lhe reconhecer o mérito e o valor, nossos votos de uma optima, uma excelente viagem... (SPORT, 1915f, p. 02).

Considerações Finais

No decorrer do artigo apresentamos que o desenvolvimento social da cidade sul mineira de Lavras, onde atraso e progresso conviviam entre os anos finais e iniciais do XIX e XX, circunscreveu o aparecimento da prática do *Sport*, primeiramente institucionalizado por duas escolas: o Instituto Evangélico de Lavras, de confissão

presbiteriana e constituída por seus missionários norte-americanos que nessas terras aportaram nos anos finais do século XIX; e a segunda, o Grupo Escolar, responsável, a partir de 1907, pela transmissão da prática, originalmente instituída pela reforma do ensino primário realizada em Minas Gerais em 1906. Em ambas as instituições, a ideia de uma pedagogia moderna, assentada na formação física, social e moral dos indivíduos, formulada pelo educador Johann Heinrich Pestalozzi, direcionou um conjunto de ações, entre elas o *Sport*, disciplinarmente voltado para a educação do físico sob a perspectiva disciplinar da *Hygiene*.

Foi com essa fundamentação pedagógica ou com essa cultura escolar que o esporte se espalhou na sociedade lavrense daquele período, ao ponto, de viabilizar a fundação em 1913 de um *Club*, a primeira associação civil da cidade destinada exclusivamente à prática esportiva, naquele momento, por meio do futebol. Ao “*Lavras Sport Club*”, fundado por ex-alunos das instituições escolares supracitadas, coube o desenvolvimento de uma rede de relações sociais que envolviam continuidades e rupturas com aquilo que ocorria nas instituições educacionais.

Ocorre que antes mesmo do *Lavras* desempenhar sua ação social na cidade, outras associações internas à escola dos presbiterianos, ou seja, com finalidades educacionais, já haviam sido organizadas com o intuito de praticar o futebol e, justamente por isso, tornaram-se parte da rede de relações do *Lavras*. Era com essas associações, em especial, o *Hymalaia*, que o primeiro clube esportivo da cidade também se defrontava por meio do futebol, ao ponto, desta se tornar a primeira rivalidade clubística por aquelas bandas. Por outro lado, o *Lavras Sport Club* também estabelecia relações com congêneres de outras cidades, caso do *Athletic Club* de São João Del-Rey,

algo que, em alguma medida, o colocava em contato com uma realidade estritamente esportiva.

Nesse caso, como vimos na segunda seção do artigo, aquilo que era do campo educacional estabelecia interface com aquilo que era pertinente ao campo esportivo tecendo uma dinâmica pedagógica na vivência do esporte na cidade de Lavras. Vale destacar também que essa dinâmica era mediada, assim acreditamos, pelo presidente e jogador do *Lavras*, Solon de Barros que ao mesmo tempo figurava como aluno nas fileiras educacionais do instituto dos presbiterianos. O momento de sua despedida das funções educacionais e esportivas desempenhadas por ele em Lavras e no *Lavras*, ao que tudo indica, significou uma inflexão nessa dinâmica.

No mais, essa referencia analítica que construímos nesse artigo, em que pese seus limites, cumpre uma função importante de dinamizar os olhares acerca do desenvolvimento do Esporte e da Educação em Lavras, Minas Gerais, pois os coloca em relação e em constante movimento. Longe de ser única, a referência analítica utilizada, procura dialogar com outras existentes, mas sempre partindo daquilo que revelam as fontes “garimpadas” em diferentes lugares de memórias (NORA, 2012).

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. Arrivistas e Decadentes: o debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana. **Novos Estud.** – Cebrap [on line]. 2009, n. 85, pp 131-148. p. 133. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002009000300006&script=sci_abstract&tlng=pt.

ARCE, Alessandra. A tríade naturalizante na concepção educacional de Pestalozzi e Froebel: Homem, Deus e Natureza. **História da Educação.** ASPHE/FAE/UFPEL. Pelotas v. 12, n. 87 – 104, set. 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30570>

BAILE (1896, 01 de março). CIDADE DE LAVRAS.

BEZERRA, Araken. **Instituto Gammon**. Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano. Rio de Janeiro: H.P Comunicação Associados, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

CF. LAVRAS **Sport Club**, Livro de Actas, 1915.

CIRCO de touros. **Folha de Lavras**, Lavras, 06 de março de 1898.

COLEGIO lavrense. **Folha de Lavras**, Lavras, 01 de setembro de 1898.

COMPANHIA equestre. **O Character**, 04 de agosto de 1895.

CONSELHO districtal. **Cidade de Lavras**, Lavras, 26 de janeiro de 1896.

COSTA, Firmino. História de Lavras. **Revista do Archivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: ano 16, v. 1, p. 125-160, jan/jun de 1911. Disponível em: <https://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=489>.

COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: modelo clubístico do Athletic Club, em São João Del-rei/MG (1909-1925). Tempos Gerais – **Revista de Ciências Sociais e História** – UFSJ, n. 06, 2014. Disponível em: http://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/temposgerais/TG_N6-correcao.pdf.

DIAS, Kleber. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 2013: 33-44. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v19n34/04.pdf>.

EMPRESTIMO municipal. **Folha de Lavras**, Lavras, 08 de outubro de 1899.

ESCOLA nocturna. **Folha de Lavras**, Lavras, 11 de dezembro de 1898.

EXTERNATO municipal. **Folha de Lavras**, Lavras, 01 de setembro de 1898.

FESTA escolar. **Vida Escolar**, Lavras, 01 de novembro de 1907.

FESTEJOS republicanos. **O Character**, Lavras 17 de novembro de 1895. FOOT-BALL. **Cine-jornal**, Lavras, 07 de julho de 1914a.

FOOT-BALL. **Cine-Jornal**, Lavras, 03 de outubro de 1914b.

FOOT-BALL. **Cine-jornal**, Lavras, 02 de outubro de 1914c.

FOOT-BALL. **Diário de Lavras**, Lavras, 28 de novembro de 1914d.

FOOT-BALL. **O Município**, Lavras, 06 dezembro de 1914e.

O FOOT-BALL. **O Município**, Lavras, 03 de março de 1913.

- FREQUENCIA escolar. **Vida Escolar**, Lavras, 01 de agosto de 1907.
- FRONTON lavrense. **Folha de Lavras**, Lavras, 13 de agosto de 1899.
- FURTADO, Celso. **A Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GRANDE festa do Lavras Sport Club. **Diário de Lavras**, Lavras, 09 de fevereiro de 1915.
- GRUPO escolar. **Vida escolar**, Lavras, 15 de maio de 1907.
- GRUPO escolar. **Folha de Lavras**, Lavras, 21 de setembro de 1911.
- GRUPO escolar de Lavras. **O Município**, Lavras, 13 de setembro de 1915.
- HYGIENE dos olhos. **Vida Escolar**, Lavras, 15 de outubro de 1907.
- INSTITUTO evangélico. **Folha de Lavras**, Lavras, 11 de dezembro de 1898.
- INSTITUTO evangélico. **O Republicano**, Lavras, 20 de janeiro de 1902.
- INSTITUTO evangélico. **Folha de Lavras**, Lavras, 06 de junho de 1909a.
- INSTITUTO EVANGÉLICO (1909b). **Prospecto**. Lavras, MG: Typ. do Instituto Evangélico.
- INSTITUTO evangélico. **Folha de Lavras**, Lavras, 30 de maio de 1909c.
- INSTITUTO evangélico. **Folha de Lavras**, Lavras, 6 de junho de 1909d.
- INSTITUTO evangélico. **O Município**, Lavras, 07 de dezembro de 1913.
- INSTITUTO evangélico. **O Município**, Lavras, 14 de março de 1915.
- INSTITUTO EVANGÉLICO (1924). **Prospecto**. Lavras, MG: Typ. do Instituto Evangélico.
- LAEMMERT, E. V. (1917). Almanak administrativo, mercantil e industrial (**Almanak Laemmert**). Ano 62. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert.
- LAVRAS caminha. **Folha de Lavras**, Lavras, 12 de fevereiro de 1899.
- LAVRAS Sport Club. **Cine-jornal**, Lavras, 27 de julho de 1914a.
- LAVRAS Sport Club. **Cine-jornal**, Lavras, 03 de agosto de 1914b.
- LAVRAS Sport Club versus Athletic Club. **Diário de Lavras**, Lavras, 28 de janeiro de 1915b.

LAVRAS Sport Club: 15 aniversário do alvi-rubro. **Jornal Comemorativo**, Lavras, 03 de agosto de 1928.

LAVRAS versus Athletic. **Diário de Lavras**, Lavras, 24 de novembro de 1914a.

LAVRAS versus Athletic. **Diário de Lavras**, Lavras, 25 de novembro de 1914b.

LAVRAS versus Athletic. **Diário de Lavras**, Lavras, 21 de janeiro de 1915.

“LAVRAS Sport Club”. **Diário de Lavras**, Lavras, 03 de agosto de 1915.

MANIFESTAÇÃO. **Diário de Lavras**, Lavras, 13 de abril de 1915.

MEIRA, Jose. Missão protestante e educação em Minas Gerais: embates simbólicos para a criação e consolidação do Instituto Evangélico de Lavras (1893-1936). **Cadernos de História da Educação** – v. 12, n. 2 – jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/25020>.

MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Rev. Bras. Hist.** vol.27 no.54 São Paulo Dec. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200008&script=sci_abstract&tlng=pt.

OS MONARCHISTAS. **O Caracter**, Lavras, 17 de novembro de 1895.

NOTAS litterarias. **Cidade de Lavras**, Lavras, 01 de dezembro de 1895.

NOTICIAES. **Diário de Lavras**, Lavras, 28 de novembro de 1914.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>.

O NOSSO sport. **Cine-jornal**, Lavras, 03 de outubro 1914.

OESTE de minas. **O Caracter**, Lavras, 01 de setembro de 1895.

OLIVEIRA, Getulio. **Lavras Sport Club**: (Seu nascimento, vida e... morte. Memórias). Lavras-MG: 1972.

PEREIRA, Jardel Costa (2005). **O Grupo Escolar de Lavras**: produzindo uma educação modelar em Minas Gerais (1907-1918). (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-858MHL>

PEREIRA, Jardel Costa (2014). **O Moderno no progresso de uma cultura urbana, escolar e religiosa e a educação secundária do Instituto Presbiteriano Gammon**

(1892-1942). (Tese de Doutorado em Educação Escolar). Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/123301>.

ROSSI, Michele. **Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras – UFLA (Lavras, 1892-1938)** (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13622>.

SAUDE pública. **Folha de Lavras**, Lavras, 05 de fevereiro de 1899.

SILVA, Bruno. Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919). **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 17, n. 2 (45), p. 56-82, Abril/Junho 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40675>.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

SPORT. **Cine-jornal**, Lavras, 25 de março de 1915a.

SPORT. **Diário de Lavras**, Lavras, 10 de abril de 1915b.

SPORT. **Diário de Lavras**, Lavras, 20 de abril de 1915c.

SPORT. **Diário de Lavras**, Lavras, 01 de maio de 1915d.

SPORT. **Diário de Lavras**, Lavras, 04 de maio de 1915e.

SPORT. **Diário de Lavras**, Lavras, 11 de maio de 1915f. SPORT. **Cine-jornal**, Lavras, 29 de maio de 1915g. THEATRO e Anna. **Gazeta de Lavras**, Lavras, 25 de março de 1888.

TOURADAS. **Folha de Lavras**, Lavras, 20 de fevereiro de 1898.

TOURADAS. **Folha de Lavras**, Lavras, 04 de agosto de 1901.

VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920). **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 121-135. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602000000200009&script=sci_abstract&tlng=pt.

VEIGA, Cinthia Greive. A Escolarização como projeto de civilização. **Rev Bras de Edu**, n. 21, 2002. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a07.pdf>

VILELA, Marcio Salviano. **A Formação Histórica dos Campos de Sant'Ana das Lavras do Funil**. Lavras: Ed. Indi, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito do capitalismo”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: Ed. Res, 1987.

Endereço do Autor:

Bruno Adriano Rodrigues da Silva
R. Visconde de Santa Isabel 223/107 bl. 01 – Vila Isabel
Rio de Janeiro – RJ – 20.560-120
Endereço Eletrônico: b.adriano_rs@yahoo.com.br